

# Diagnóstico do senso de comunidade: estudo de caso empreendimento habitacional São Lourenço, Londrina, PR

*Diagnosing the sense of community: case study of São Lourenço housing development*

Mariana Alves Shigeharu  
Milena Kanashiro

## Resumo

Um dos problemas apontados em recentes pesquisas em áreas de habitação de interesse social no Brasil é a retenção dos moradores, associada à satisfação do morar. Assim, este artigo propõe a mensuração do senso de comunidade a partir da sistematização de instrumentos existentes. Formata um questionário aplicado em 274 unidades habitacionais com 95% de nível de confiança ( $\alpha$ ) e 5 (cinco) de margem de erro (E) para a avaliação dos dados socioeconômicos, comportamentais e espaciais, e adiciona dois outros métodos: a observação *in loco* e o mapeamento das relações de vizinhança. O estudo faz a sobreposição dos dados mapeados como estratégia de análise multidimensional para o cotejamento de variáveis. Os resultados revelam diretrizes de organização espacial de EHIS para o desenvolvimento do senso de comunidade e evidencia áreas de movimento de pessoas e de interações sociais. Também apontam aspectos socioeconômicos e comportamentais associados para a construção do senso de comunidade, como a existência de um maior número de moradores, a satisfação em morar no local e a expectativa de permanecer no bairro. Esta pesquisa contribui na síntese dos elementos de avaliação, na aplicação empírica em estudo de caso, nas discussões de organização espacial de áreas de empreendimentos de habitação social e na mensuração de fatores considerados subjetivos do ambiente construído vinculados à qualidade de vida.

**Palavras-chaves:** Senso de comunidade. Empreendimentos de Habitação de Interesse Social – EHIS. Instrumentos de avaliação.

## Abstract

*In Brazil, recent research has pointed out resident retention as one of the problems in social housing projects. This study proposes to measure the sense of community. Based on systematizing existing tools, a questionnaire was sent to 274 housing units with 95% confidence level ( $\alpha$ ) and 5 (five) margin of error (E) to evaluate socioeconomic, behavioral and spatial data. Two other methods were also adopted: observation in loco and mapping neighbourhood relations. The study overlaps the mapped data as a multidimensional analysis to compare the variables. The results reveal spatial organisation guidelines to develop a sense of community and shows evidence of areas where there is a movement of people and social interactions. They also point out socioeconomic and behavioral aspects associated with constructing a sense of community, such as a greater number of residents, the satisfaction of living in the area and the expectation of remaining in the neighbourhood. This research contributes to synthesising existing tools, empirical studies in a case study, discussing spatial organisation of social housing developments and measuring factors considered subjective of the built environment linked to the quality of life.*

**Keywords:** Sense of community. Social Housing Project. Assessment tools.

Mariana Alves Shigeharu  
Universidade Estadual de Londrina  
Londrina - PR - Brasil

Milena Kanashiro  
Universidade Estadual de Londrina  
Londrina - PR - Brasil

Recebido em 13/09/15  
Aceito em 31/03/17

## Introdução

São vários os recortes epistemológicos para a compreensão da cidade em suas variadas escalas espaciais. Se considerarmos a Nova Carta de Atenas, publicada pelo ECTP em 1998 (KANASHIRO, 2004), posteriormente refinada em 2006, com o objetivo de discutir um novo paradigma para as cidades do século XXI, são inseridos como desafios questões como contato humano, senso de comunidade e segurança, entre outras relações da vida social e de dinâmicas de encontros como experiências efetivamente urbanas.

Tais argumentos têm sido inseridos em recentes discussões de design de áreas residenciais com a necessidade de projetar bairros que promovam o fortalecimento do senso de comunidade<sup>1</sup>.

A partir desse pressuposto, as seguintes indagações direcionaram este estudo: é possível avaliar o senso de comunidade? Existem instrumentos? Quais são as associações de variáveis espaciais e sociais? E, por fim, os arranjos espaciais podem contribuir para fortalecer o senso de comunidade?

Portanto, como estratégia metodológica, estabelece-se primeiro a busca de definição de senso de comunidade bem como a construção de um arcabouço teórico para entender o estado da arte. Fez-se um rastreamento de periódicos com os seguintes descritores: *sense of community* e *neighborhood* (senso de comunidade e bairro). Observa-se a prevalência de 50% de estudos publicados a partir de 2000 e verificam-se abordagens diferenciadas no desenvolvimento de pesquisas ao longo das décadas (Figura 1).

Os primeiros trabalhos de Wirth (1938) e Mann (1954) abordam o senso de comunidade de forma mais conceitual e menos analítica. O primeiro discorre sobre os impactos do inchaço das cidades na qualidade de vida e relaciona a existência de associações e de organização social como facilitadores da interação social, e o segundo aponta a vinculação entre a “boa vizinhança” e a unidade de planejamento do bairro.

Na década de 1970 três trabalhos destacam-se como referência: Granovetter (1973), Sarason (1974) e Hunter (1975). De forma similar, abordam as relações sociais em virtude da expansão urbana desordenada, porém Sarason (1974) apresenta o conceito de senso de comunidade associado a um tipo de companheirismo, de coletividade e de identidade

de experiências com grupos de pessoas em uma comunidade, e verifica que tal fenômeno pode ser empiricamente testado e analisado.

Constata-se assim uma sistematização inicial de avaliação qualitativa e quantitativa do senso de comunidade. Porém, esses primeiros trabalhos observam de forma nostálgica as mudanças na cidade e na sociedade, num período de grandes transformações. Nota-se a necessidade de entender novas atitudes e valores decorrentes do viver em grandes cidades, e a vinculação da forma urbana como facilitadora do convívio entre as pessoas.

Chavis *et al.* (1986) complementam a definição de Sarason (1974) como um sentimento entre seus membros e a condição de serem importantes uns aos outros, no compromisso de estarem juntos visando ao preenchimento de suas necessidades. Fried (1984) afirma ser um componente crítico de satisfação individual, da família e, conseqüentemente, do bairro presente em todas as classes sociais. Portanto, dois outros conceitos são correlacionados ao senso de comunidade: qualidade de vida (LEVINE, 1986) e coesão da comunidade (BUCKNER, 1988). A partir dessas premissas, percebe-se que nas décadas posteriores os trabalhos tornam-se mais analíticos, com maior expressividade de autores da área de Planejamento e Design Urbano<sup>2</sup>.

Os estudos da década de 1990 compreendem a maioria das publicações, e na sobreposição com os estudos desenvolvidos a partir de 2000 verificam-se duas abordagens distintas: a primeira, de pesquisas de revisão teórica para discussão do fenômeno<sup>3</sup>; e a segunda, de proposição de novas estratégias de avaliação, baseada em autores da década anterior<sup>4</sup>. Apenas Lochner, Kowachi e Kennedy (1999) fazem uma revisão de instrumentos existentes e inserem o conceito de “capital social” nas discussões de senso de comunidade.

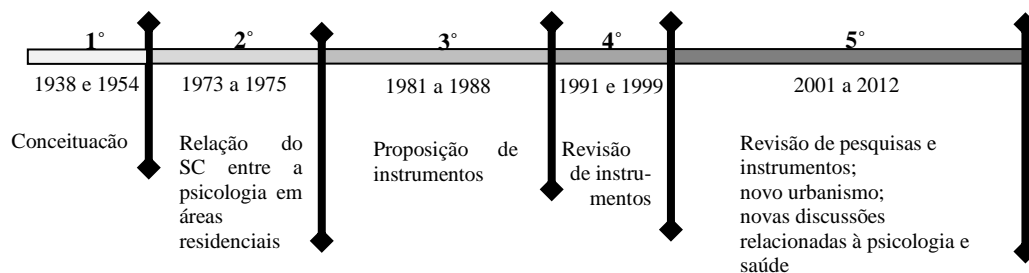
<sup>2</sup>Appleyard (1981), Glynn (1981), Rigers e Lavrakas (1981), Fried (1984), Chavis *et al.* (1986), Levine (1986) e Buckner (1988).

<sup>3</sup>McMillan (1996), Chavis e Pretty (1999), Lochner, Kowachi e Kennedy (1999), Talen (1999), Kaplan (2001), Obst, Smith e Zinkiewicz (2001), Nasar (2003), Kearney (2006), Appleyard e Cox (2006), Peterson, Speer e Hughey (2006), Maya-Jariego e Armitage (2007), Sugiyama *et al.* (2008), Yang (2008), Lawhon (2009) e Nowell e Boyd (2011).

<sup>4</sup>Chavis e Wandersman (1990), Nasar e Julian (1995), Skajaeveland, Garling e Maeland (1996), Bolsemann, MacDonald e Kronemeyer (1999), Appleyard (1981), Glynn (1981), Chavis *et al.* (1986), Lund (2002), Cantillon, Davidson e Schweitzer (2003), Long e Perkins (2003), Farrel, Aubry e Coulomb (2004), Kim e Kaplan (2004), Rogers e Sukolratanamettee (2009), Mason (2010), Cuthcin *et al.* (2011), Wood, Frank e Giles-Corti (2010) e Wilkerson *et al.* (2012).

<sup>1</sup>Kaplan (2001), Nasar (2003), Kearney (2006), Appleyard e Cox (2006), Peterson, Speer e Hughey (2006), Maya-Jariego e Armitage (2007), Sugiyama *et al.* (2008), Yang (2008), Lawhon (2009) e Nowell e Boyd (2011).

Figura 1 - Cronologia das principais abordagens do senso de comunidade



A maioria dos trabalhos vincula-se ao Planejamento e Design Urbano, fato que ocorre devido ao chamado Novo Urbanismo. De acordo com Talem (1999) e Yang (2008), o movimento sugere que o ambiente construído pode criar um sentido de comunidade a partir do estabelecimento de redes de comunicação e do desenvolvimento do capital social, associados à forma espacial, o que proporciona áreas residenciais com maior qualidade de vida: diferentes atividades (usos do solo), caminhabilidade, densidade de moradores (habitação) e inserção de questões ambientais.

Apesar da vinculação entre os fatores sociais, comportamentais e espaciais para a criação do senso de comunidade, pesquisas como Buckner (1988), Chavis e Wandersman (1990), Farrel, Aubry e Coulomb (2004), Long e Perkins (2003), Mason (2010) e Skajaeveland, Garling e Maeland (1996) apontam a necessidade da investigação empírica em diferentes contextos e realidades para entendimento do fenômeno, bem como para subsidiar perspectivas teóricas.

No Brasil, Pina e Kowaltowski (2000), Almeida, Silva e Gunther (1996), Cunha, Silva e Gunther (1996) e Nepomuceno (1999) delineiam tal questão em relação à qualidade de vida, porém se pode afirmar a inexistência de pesquisas empíricas com o objetivo principal de avaliar o senso de comunidade em áreas residenciais nas cidades brasileiras.

Portanto, como objetivo geral, este estudo propõe a realização de uma avaliação do senso de comunidade, a partir da sistematização de instrumentos existentes, em uma área de habitação de interesse social, para contribuir no processo de verificação e subsidiar a discussão em um contexto brasileiro.

Esta pesquisa contribui na síntese dos elementos de avaliação, assim como na aplicação empírica em estudo de caso. A definição para avaliação em áreas de habitação de interesse social parte de um dos principais problemas apontados nos programas

de habitação: a manutenção e retenção de famílias, relacionadas com a satisfação de morar em determinado local. O estudo avança por meio de mapeamentos da relação de vizinhança e na sobreposição dos dados sociodemográficos, comportamentais e físico-espaciais, o que permite evidenciar variáveis associadas ao senso de comunidade em EHIS.

## Método de pesquisa e instrumento de avaliação

O arcabouço teórico construído, a partir de pesquisas existentes, auxiliou no entendimento de conceitos, na definição de instrumento de avaliação, na formatação do questionário e na estratégia de escolha do estudo de caso, além de dar subsídios para a análise dos fatores sociais, comportamentais e físico-espaciais relacionados ao senso de comunidade.

Foi realizada a síntese de 21 instrumentos de avaliação propostos entre as décadas de 1980 e 2000, considerando os seguintes aspectos:

- (a) data (DT);
- (b) estratégia de pesquisa (EP);
- (c) propósitos de investigação (PI);
- (d) dimensão (D) – socioeconômica, comportamental e físico-espacial;
- (e) características (C);
- (f) recorte espacial (R);
- (g) amostragem (A);
- (h) método (M);
- (i) atributos socioeconômicos (AS);
- (j) atributos comportamentais (AC);
- (k) atributos físico-espaciais (AFE);
- (l) variáveis (V); e
- (m) dificuldades identificadas (DI) (Quadro 1).

Quadro 1 - Análise comparativa dos instrumentos de avaliação do senso de comunidade (Continua...)

ID do instrumento	Características dos instrumentos*													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11			
	DT	EP	PI	D	C	R	A	M	AS	AC	AFE	V/A	DI	
Hunter (1975)	75	A	Pe	S F	Dc Ic	B	101<500	O	Fc Pr	Ie Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	Rt
Appleyard (1981)	81	I	Co Pe	S C F	Pa	R	<100	Q O Ma	Fc Re	Sfe Pt Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	As
Riger e Lavrakas (1981)	81	A	Co	S C	Pa Al	B	101<500	Q	Fc Re	Pl Tr	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	He
Glynn (1981)	81	I	Co	S C F	Ic	B	101<500	Q	Fc Pr	Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	x
Fried (1984)	84	A	Co Pe	S C	Pa	B	501<1000	Q	Pr	Sfe It	Ei	Vd Af As	Vi As Fp	x
Chavis <i>et al.</i> (1986)	86	I	Co	C	Pa Ic	B	101<500	Q	Fc Pr Re	Sfe Pl It Aa	x	Vd Af As	Vi As Fp	As
Buckner (1988)	88	I	Co	S C F	Ic	B	101<500	Q	Dd	Pl Ie It Aa	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	He
Chavis e Wandersman (1990)	90	A	Pe	S C	Pa Ic	B	101<500	Q	Fc Pr Dd Re	Pt Pl	x	Vd Af As	Vi As Fp	He
Nasar e Julian (1995)	95	I	Co	S C F	Ic	R	<100	Q	Fc Pr Re	It	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	Lp
Skjæveland, Garling e Maeland (1996)	96	I	x	S C	Pa Al	R	101<500	Q	Fc Pr Re	Pl It Aa Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	He
Bolsemann, MacDonald e Kronmeyer (1999)	99	I	Co Pe	S C F	Pa	R	<100	Q Ma	Fc Pr Dd Re	Sfe Pt Pl	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	He
Lund (2002)	02	A	Av	S C F	Pa	B	101<500	Q	Fc Pr	It Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	He
Cantillon, Davidson e Schweitzer (2003)	03	A	Co	C F	Pa Ic Nu	B	101<500	Q	Re	Sfe It Aa	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	Lp
Long e Perkins (2003)	03	I	x	S C	Ic	B	101<500	Q	Fc Pr Re	Sfe Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	He
Farrel, Aubry e Coulomb (2004)	04	A	Co	S C	Al Nu	B	101<500	Q	Fc	It Tr	Uc	Vd Af As	Vi As Fp	He
Kim e Kaplan (2004)	04	A	Av	S C	Pa Ic Al Nu	B	501<1000	Q	Dd	Pt Aa	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	x
Rogers e Sukolratanamete (2009)	09	A	Co Pe Av	S C F	Nu	B	101<500	Q	Fc Pr Dd Re	Sfe Pt Pl It Tr	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	x
Mason (2010)	10	A	Co Av	S C F	Al Nu	B	501<1000	Q	Fc Dd Re	Sfe Tr	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	He

Quadro 1 - Análise comparativa dos instrumentos de avaliação do senso de comunidade (continuação)

ID do instrumento	Características dos instrumentos*													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11			
	DT	EP	PI	D	C	R	A	M	AS	AC	AFE	V/A	DI	
Wood, Frank e Giles-Corti (2010)	10	I	Av	S C F	Nu	B	501<1000	Q O	Fc Pr Dd Re	Sfe Pt Pl Tr	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	x
Cutchin et al. (2011)	11	I	Co Pe Av	S C	Pa	B	501<1000	Q	Fc Pr Dd Re	Sfe Pt Aa Tr	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Fp	Lp
Wilkerson et al. (2012)	12	A	Av	S C F	Nu	B	101<500	Q	Fc Pr Dd Re	Sfe	Uc Ei	Vd Af As	Vi As Pp	x

Nota: \*(1) DT, Data; EP, (2) Estratégia de pesquisa: A, analítica; I, Índices específicos; (3) PI, Propósitos de investigação: Co, Compreender interações sociais; Pe, Perceber limites físicos; Av, Avaliar as proposições do Novo Urbanismo; (4) D, Dimensão: S, Socioeconômica; C, Comportamental; F, Físico-espacial; (5) C, Características: Pa, Preexistência de atividades; Dc, declínio" da comunidade; Ic, influência da comunidade; Al, afetividade com o local; Nu, Novo Urbanismo; (6) R, Recorte: B, Bairro; R, Rua; A, Amostragem; M, método: Q, Questionário; O, Observação; Ma, Mapeamento; (7) AS, Atributos socioeconômicos: Fc, Famílias com crianças; Pr, Proprietários; Dd, Densidade demográfica; Re, Renda; (8) AC, Atributos comportamentais: Sfe, Segurança física e emocional; Pt, Posse/territorialidade; Pl, Pertencimento/lar; le, Identidade emocional; It, Influência/trocas; Aa, Afetividade/apego; Tr, Tempo de residência; (9) AFE, Atributos físico-espaciais: Uc, Uso do solo/configuração da malha; Ei, Elementos de identidade; (10) V/A, Variáveis/Atributos: Vd, Variáveis dependentes, AF, Atributos físicos; As, Atributos sociodemográficos; Vi, Variáveis independentes; Fp, Fatores pessoais; (11) DI, Dificuldades identificadas: He, Heterogeneidade e diferentes contextos; As, Aspectos físicos e espaciais; Lp, Limitações na pesquisa (tamanho da amostra, problemas com devolução de questionários etc.); Rt, Relações temporais diversas; x, Não definido.

A maioria das pesquisas utiliza questionários como principal instrumento. A partir da análise comparativa das questões apontadas pelos autores, fizeram-se a sobreposição e a definição de um questionário com 72 questões, divididas em cinco partes: I. Apresentação e concordância em participar da pesquisa; II. Questões socioeconômicas; III. Vivência e satisfação em morar no bairro; IV. Grau e escalas de satisfação; V. Avaliação dos aspectos físico-espaciais. A parte V do questionário incorpora um *checklist* de observação (HUNTER, 1975; APPLEBYARD, 1981; WOOD; FRANK; GILES-CORTI, 2010) e um mapeamento das interações sociais (APPLEBYARD, 1981; BOLSSEMANN; MACDONALD; KRONEMEYER, 1999).

Em relação aos aspectos socioeconômicos, as questões de múltipla escolha referem-se ao número de residentes e ao grau de parentesco, sexo, idade, raça/cor, estado civil, grau de escolaridade, religião, situação da moradia anterior e localização, propriedade do imóvel, número de crianças e faixa etária, veículo e tipos, ocupação, situação e vínculo empregatício.

O relatório de vivência e satisfação, a maioria de múltipla escolha, indaga sobre o tempo de moradia, expectativa em viver no bairro, modal de transporte, motivo de deslocamento de carro, existência de familiares, quantidade de vizinhos conhecidos, graduação de comportamento – acenar, conversar, visitar, este último frequência e motivo,

convivência, confiabilidade, ajuda mútua, associação comunitária e eventos, espaços de encontro, segurança e satisfação. Para a validação dessas questões foram definidas 30 perguntas de resposta psicométrica, definindo-se cinco níveis de concordância. Por último, a anotação dos vizinhos conhecidos, considerando um raio de aproximadamente 500 m.

A avaliação, por meio de observação, foi realizada nos fins de semana, em dias ensolarados, na identificação de atividades desenvolvidas nos espaços públicos (ruas e praças) e áreas semiprivadas, por três categorias de moradores, crianças, jovens/adultos e idosos ao longo de 1 h:

- A – Interagir;
- B – Observar;
- C – Fazer jardinagem ou lavar carro;
- D – Brincar;
- E – Caminhar (pedestre/lazer);
- F – Ir e Vir (pedestre); e
- G – Ir e Vir (carro).

Após a sistematização do instrumento de coleta de dados, a pesquisa de Buckner (1988) define uma avaliação de preexistência do senso de comunidade em áreas residenciais. A partir de observações de número de pessoas e atividades em espaços públicos nos fins de semana em empreendimentos de habitação de interesse social, definiu-se o

Conjunto Habitacional São Lourenço. Está localizado na zona sul da cidade de Londrina, PR, implantado em 1979 e composto de 689 unidades, com uma população de 2.070 moradores.

Foi aplicada uma fórmula para estratificação de amostra aleatória, na definição de 247 questionários, com 95% nível de confiança ( $\alpha$ ) e 5 de margem de erro (E). A coleta de dados foi realizada em duas etapas, E1 e E2 (Figura 2).

## Resultados e discussões

### Variáveis socioeconômicas

Glynn (1981), Skjæveland, Garling e Maeland (1996) e Rogers e Sukolratanamete (2009) afirmam a importância do desempenho da homogeneidade social na construção do senso de comunidade. Nesse sentido, no Conjunto São Lourenço observa-se um padrão social semelhante na predominância de mulheres acima de 46 anos, com família constituída de 4 pessoas e grau de escolaridade similar, com maior percentual de pessoas com o fundamental incompleto (28,3%). As famílias são constituídas, em geral, por 3 a 4 membros (48,5%) (Tabela 1).

Figura 2 - Mapa com a definição da seleção dos lotes



Tabela 1 - Quadro comparativo dos principais resultados socioeconômicos

VARIÁVEL	PERCENTUAL/Nº	OBS.
Predominância de mulheres	64,0%	---
Branças	59,9%	---
Acima de 46 anos	62,4%	---
Casadas	61,1%	---
Família constituída de 4 pessoas	48,5%	---
Fundamental incompleto	28,3%	---
<b>Classe C</b>	<b>45,7%</b>	---
Emprego fixo	57,1%	---
Setor privado e outros	25,5 e 32,0%	---
Possuem veículos	74,5%	---
Utilizam transporte público	43,3%	---
<b>Presença crianças acima de 6 anos</b>	<b>104 em 76 famílias</b>	<b>Maior frequência</b>
<b>Proprietárias da residência</b>	<b>81,0%</b>	---
<b>Vivem há mais de 2 anos no bairro</b>	<b>67,4%</b>	---
<b>Expectativa de viver bairro +10 anos</b>	<b>67,4%</b>	---
<b>Moradia anterior próxima – no entorno/no bairro</b>	<b>36,0%</b>	<b>Territorialidade e apego ao lugar</b>

Segundo as pesquisas de Riger e Lavrakas (1981), Glynn (1981), Skajaeveland, Garling e Maeland (1996) e Bolsseman, MacDonald e Kronemeyer (1999), o maior número de pessoas, principalmente a presença de mulheres e crianças, é proporcional à intensidade das interações sociais nos bairros. Quase 40% das moradoras permanecem ao longo do dia em casa, e somam-se os 238 menores de idade com maior frequência acima de 6 anos. É possível observar crianças nas ruas, nas praças e nas áreas verdes, e para 43,3% dos entrevistados o bairro é um bom lugar para elas.

Hunter (1975), por outro lado, insere a temporalidade na construção de vínculos sociais e no compartilhamento de valores e necessidades entre moradores. Somando aqueles que vivem há mais de 13 anos no bairro, tem-se o percentual de 61,60%. Skajaeveland, Garling e Maeland (1996) estabelecem o tempo de 10 anos para a consolidação de laços entre as pessoas, e Glynn (1981) e Chavis *et al.* (1986) relacionam o tempo de convivência como parâmetro positivo à interação e a permanência. Fez-se uma correlação entre esses dois fatores: a partir de 2 anos, 71,3% dos entrevistados afirmaram ter a expectativa de permanecer no bairro por tempo superior a 10 anos (Figura 3).

Considerou-se importante verificar o local da moradia anterior: 54,7% de casas alugadas e 39,7% de casas próprias. Um fator observado é a proximidade da moradia prévia: 20,6% moravam no entorno, e 15,4% em outro imóvel do bairro. Tal fato, associado à propriedade do imóvel (81%), aponta para o reforço da territorialidade e de apego ao lugar, que, de acordo com Cantillon, Davidson e Schweitzer (2003) e Rogers e Sukolratanamettee (2009), são componentes essenciais para a construção do sentimento de comunidade.

As pesquisas de Almeida, Silva e Günther (1996), nas cidades satélites, e de Kowaltowski *et al.* (2005), nos conjuntos habitacionais, relacionam as alterações das unidades com um índice de territorialidade, porém dependente da condição financeira de cada família. Foi questionada a renda familiar com referência aos estratos das classes sociais da FGV e do IBGE<sup>5</sup>: 45,7% pertencem à Classe “C” – entre 4 a 10 salários mínimos mensais, cuja fonte de renda em 57,1% provém de trabalho fixo e 22,3% de aposentadoria, com 10,9% autodeclarados desempregados. Passados mais de 35 anos de implantação do São Lourenço,

as habitações pouco remetem às características originais, sem a monotonia inicial dos conjuntos habitacionais.

## Variáveis comportamentais

De acordo com o referencial teórico, as variáveis comportamentais referem-se a interação social, segurança física e emocional, sentido de territorialidade e pertencimento, afetividade com o lugar, satisfação, existência de confiança e ajuda mútua, senso de organização, incômodos e normas/deveres em comum. A Tabela 2 sintetiza os resultados dos questionários.

As pesquisas de Chavis e Wandersman (1990) e de Cantillon, Davidson e Schweitzer (2003) apontam que existe proporcionalidade entre tempo de moradia e número de vizinhos conhecidos para o estabelecimento do senso de comunidade. Considerando que quase 40% dos moradores vivem no bairro há mais de 25 anos, 72,9% afirmam conhecer mais de 10 vizinhos. Verifica-se a existência de uma proporcionalidade maior entre as mulheres e os moradores mais antigos.

Porém, conhecer, cumprimentar e conversar são gradações para mensurar uma boa relação de vizinhança (GLYNN, 1981; KIM; KAPLAN, 2004; NASAR; JULIAN, 1995; WOOD; FRANK; GILES-CORTI, 2010); 63,6% dos entrevistados responderam que cotidianamente cumprimentam os vizinhos, e 89,9%, principalmente nos fins de semana, afirmam parar para conversar. Os estudos de Skajaeveland, Garling e Maeland (1996) e de Sukolratanamettee (2006) complementam essas informações ao adicionar o visitar: 51,4% dos moradores afirmam visitar os vizinhos, e 59,9% alegam considerá-los como companhia.

O capital social é sedimentado a partir de valores culturais e sociais transmitidos por uma vivência e pela relação interpessoal em um grupo (LOCHNER; KOWACHI; KENNEDY, 1999). Nesse sentido, 79,4% dos moradores declaram ajudar-se mutuamente, e 79,8% consideram os vizinhos pessoas de confiança.

Chavis *et al.* (1986), Hunter (1975) e Glyn (1981) relacionam a caminhabilidade como fator de intensificação das interações sociais em um bairro. Afirmam 74,5% dos moradores o deslocamento a pé como principal modal, sendo a motivação tanto o trabalho quanto os afazeres cotidianos. Nesse sentido, Cantillon, Davidson e Schweitzer (2003) e Nasar e Julian (1995) discorrem sobre a necessidade de áreas de uso do solo misto como um importante fator.

<sup>5</sup>A divisão por classe social tem por base o número de salários mínimos, pela soma da renda total da família. O Centro de Políticas Sociais (CPS) (NERI, 2011) da FGV e o IBGE estabelecem as seguintes classes pelo número de salários mínimos: A - acima de 20; B - 10 a 20; C - 4 a 10; D - 2 a 4; e E - de 0 a 2.

Figura 3 - Expectativa de viver no bairro e tempo de residência

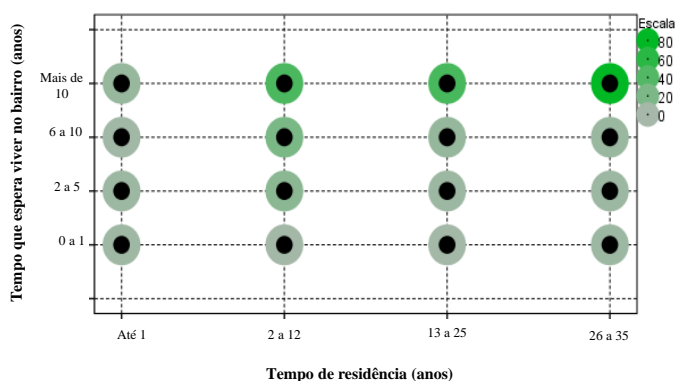


Tabela 2 - Quadro comparativo dos principais resultados comportamentais

VARIÁVEL	PERCENTUAL	OBS.
<b>Conhecem mais de 10 vizinhos</b>	<b>72,9%</b>	<b>Tende a aumentar de acordo com o tempo de moradia.</b>
<b>Deslocam-se a pé no conjunto</b>	<b>74,5%</b>	<b>Fator associado ao desenvolvimento das interações sociais, senso de segurança, etc.</b>
Cumprimentar	63,6%	---
Conversar	89,9%	---
Visitar (1 a 5 pessoas) – de vez em quando	51,4% e 50,6%	---
Contar com os vizinhos como companhia ou para conversar	59,9%	---
<b>Declaram ter uma ótima vizinhança</b>	<b>76,1%</b>	---
<b>Ajuda mútua existente</b>	<b>79,4%</b>	<b>Relacionada a aspectos diversos, como empréstimos, cuidar dos filhos, etc.</b>
Poucas situações de incômodo entre vizinhos	51,8%	---
Familiares no bairro e nas proximidades	49,8%	---
<b>Alto índice de satisfação em morar no bairro</b>	<b>96,8%</b>	---
Existe senso de comunidade	75,7%	Concordam plena ou parcialmente.
Afetividade com a residência e o bairro	49,8%	Senso de pertencimento.

Existem componentes de satisfação pessoal em morar em determinada área residencial, pois, de acordo com Fried (1984), são locais de contatos sociais, que favorecem o senso de comunidade. Nesse aspecto, 96,8% dizem estar satisfeitos em viver no bairro e relatam fatores como proximidade com a área central, fácil acesso, serviços básicos no bairro, proximidade com amigos e parentes, e satisfação com a moradia; e 75,7% alegam existir o senso de comunidade.

### Variáveis físico-espaciais

#### Avaliação por meio de observação

Pesquisas recentes (WOOD; FRANK; GILES-CORTI, 2010; CATCHIN *et al.*, 2011;

WILKERSON *et al.*, 2012) destacam a importância dos espaços de uso comum nos bairros para a construção de relação social. Tal questão é observada no estudo de caso, visto que são 4 praças e 3 ruas os lugares de maior movimento de pessoas (Figura 4).

Os dados foram sistematizados considerando o perfil dos moradores, as atividades e os locais de interação. A observação das atividades revela a predominância da interação (177) e o ir e vir (209) de pedestres. Do total de 742 pessoas, 223 correspondiam a crianças, 187 a idosos, e 332, a grande maioria, a jovens e adultos. O maior movimento de pessoas ocorre no período da tarde.



Figura 4 - Mapa das atividades observadas



De acordo com Buckner (1988), Cantillon, Davidson e Schweitzer (2003) e Chavis *et al.* (1986), existe uma relação importante de convivência social nos espaços públicos, especialmente aqueles para o desenvolvimento de atividades de lazer ou como espaço de contemplação. As áreas das praças 1 e 2 e as ruas próximas são os locais de maior atividade, respectivamente com um total de 133 e 174 pessoas. Dimensões menores de espaços públicos proporcionam locais de sociabilização, e a presença de crianças e adultos é proporcional ao número de unidades habitacionais em seu entorno. Por outro lado, o campo de futebol, área 4, tem como motivação de 144 moradores o lazer ativo, e na área 5, o supermercado, com 123 pedestres contabilizados em um dia.

As ruas são áreas de intenso movimento, e as pesquisas existentes apontam duas configurações: Appleyard (1981) reforça a necessidade de vias de dimensões menores com baixa densidade e velocidade de veículos; por outro lado, o estudo de Bolsemann, MacDonald e Kronemeyer (1999), na avaliação de *boulevards* em São Francisco, reforça a importância de outros fatores, não necessariamente a dimensão, como os elementos de atratividade e a baixa declividade, e ressalta a importância da movimentação de veículos.

No estudo de caso observam-se as duas configurações: a rua central (área 6), de maior dimensão, com 15 m de largura, estende-se por todo o bairro, com estabelecimentos de comércio vicinais, finalizando na praça da igreja. Foram contabilizados 98 pedestres, sendo 36 nas áreas semiprivadas. A rua correspondente à área 7, localizada na porção norte, possui 10 m de largura, com um total de 51 pedestres. Em ambas as áreas observa-se a velocidade baixa dos veículos, e os moradores utilizam ruas e calçadas como espaço de sociabilização.

Em relação aos elementos inibidores, verifica-se a inexistência da presença de lixo ou pichação, segundo Chavis *et al.* (1986) e Buckner (1988). Essas características, se presentes no bairro, indicam falta de zelo e geralmente são proporcionais à não existência de interações sociais. Apesar da observação de grades na janela, são poucas as casas que não apresentam permeabilidade visual entre o espaço público e o privado, fato que permite a vigilância natural. As pesquisas desenvolvidas associam o senso de comunidade às discussões de Jacobs (2011), a partir da vigilância cidadã como estratégia para aumentar o senso de segurança.

De acordo com Wilkerson *et al.* (2012), a presença de garagem na parte frontal da residência diminui a área de fachada ativa. No entanto, observa-se o

duplo papel da varanda: de garagem e de espaço para sentar, conversar e observar o movimento. Portanto, em áreas de habitação de interesse social, esse espaço tem uma conotação importante na construção do senso de comunidade.

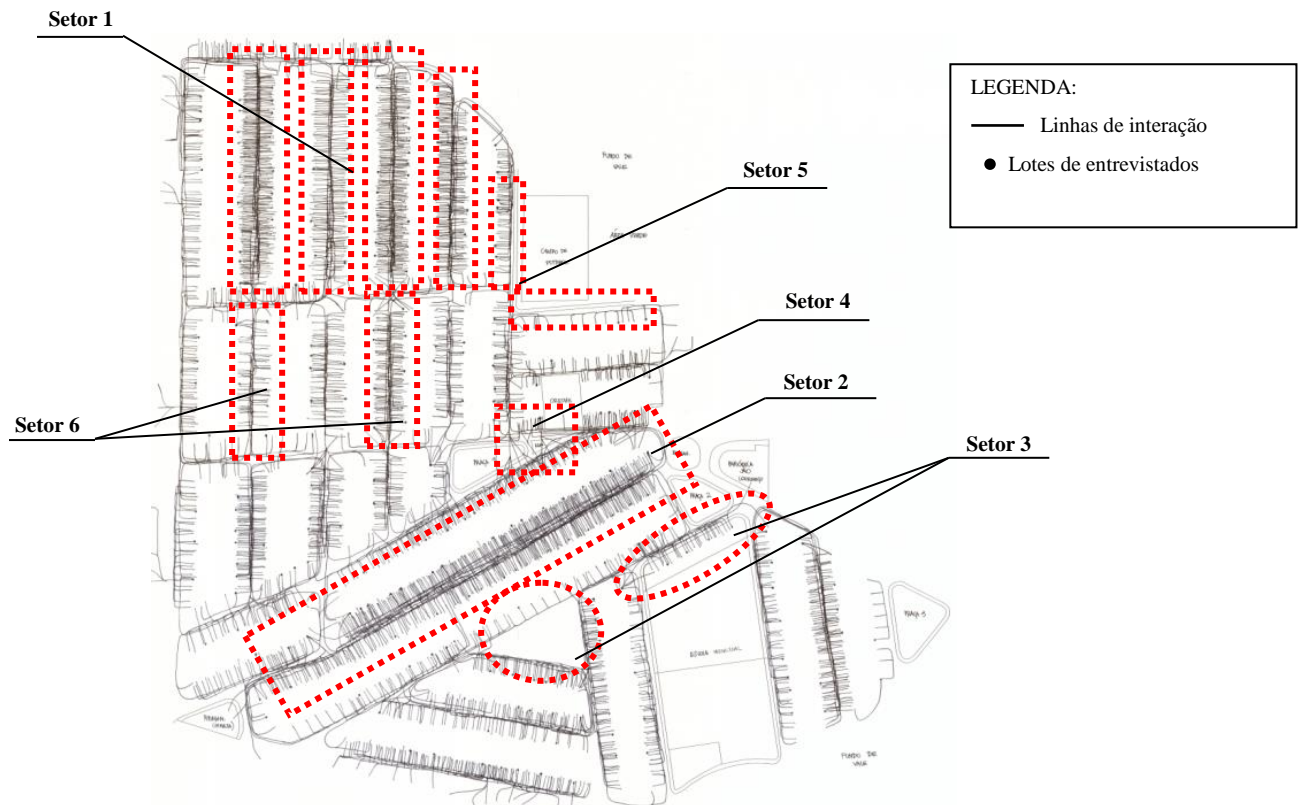
### Mapeamento como estratégia analítica multidimensional

As interações sociais foram mapeadas para verificar a existência de áreas de maior densidade de relação de vizinhança (Figura 5). Uma primeira constatação é o reconhecimento de vizinhos imediatos, sejam eles frontais ou laterais. Nesse sentido, uma análise geral do mapa revela o predomínio da existência de maior densidade de rede de relações de vizinhança em três ruas localizadas na parte norte do bairro e na avenida principal. Embora referenciais como Hunter (1975), Appleyard (1981) e Wood *et al.* (2010) prescrevam dimensões de 150 m a 200 m no máximo, o que proporciona maior permeabilidade espacial, essas quadras possuem extensões de 270 m e de 350 m respectivamente. Por outro lado, essas dimensões permitem um maior número de lotes e de moradores, associado à presença de fachadas ativas em uma via estreita.

As questões de permeabilidade visual são destacadas por Appleyard (1981), Bolssemann, MacDonald e Kronmeyer (1999), Buckner (1988), Chavis e Wandersman (1990), Cutchin *et al.* (2011) e Hunter (1975). Constata-se a existência de edifícios exercendo a função de barreira, por exemplo, a área comercial do bairro. Verifica-se a diminuição de gradação de indicações de vizinhos conhecidos (Figura 6a). A escola, apesar de apresentar uma implantação similar, tem uma sequência de lotes residenciais na extremidade da quadra (Figura 6b). Tal fato permite a continuidade de moradores contribuindo para a manutenção da rede de interações sociais. Essa estratégia de design mostra-se importante nos casos de implantação de equipamentos públicos de grandes dimensões.

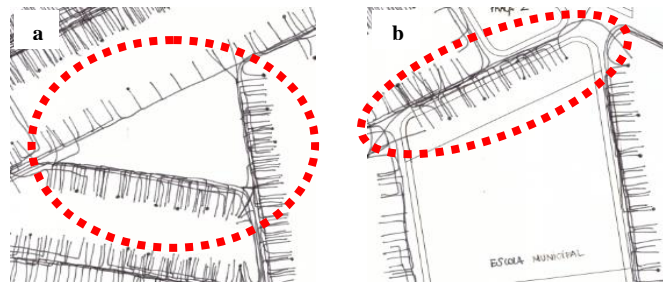
Outra evidência refere-se aos espaços livres: nas praças de dimensões menores, circundadas por unidades residenciais, a rede de interação ultrapassa seus limites (Figura 7a). No caso do campo de futebol, além da dimensão, o relevo configura-se como barreira para a continuidade das interações sociais (Figura 7b).

Figura 5 - Mapa de interação dos moradores



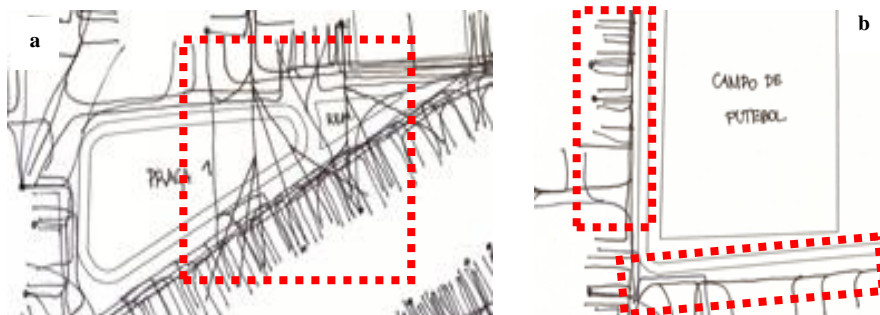
Nota: \*situação sem escala.

Figura 6 - Barreira/Continuidade de interação social (Setor 3)



Nota: \*situação sem escala.

Figura 7 - Espaços públicos e a rede de interação (Setores 4 e 5)



Nota: \*situação sem escala.

Skjaeveland, Garling e Maeland (1996) e Rogers e Sulkoratanamete (2009) demonstram a necessidade de uma avaliação multidimensional para o entendimento do senso de comunidade. A análise estatística pode ser uma estratégia, porém não permite a espacialização dos dados. A partir da sobreposição do mapeamento dos dados socioeconômicos e comportamentais com o mapeamento de interações sociais, pode-se cotejar as variáveis associadas.

Em relação aos dados socioeconômicos, três indicadores foram mapeados:

- (a) sexo dos entrevistados;
- (b) número de residentes (familiares e inquilinos);
- e
- (c) existência de crianças.

Na sobreposição as áreas de maior interação estão relacionadas, em primeiro lugar, ao maior número de moradores; em segundo, à existência de crianças; e, por último, ao sexo (Figura 8).

Na segunda análise relacionam-se três relevantes aspectos comportamentais, de acordo com autores como Rogers e Sukolratanamete (2009), Riger e Lavrakas (1981) e Skjaeveland, Garling e Maeland (1996): o andar a pé no bairro, o tempo de moradia e a expectativa em viver no local. No mapeamento 75% dos entrevistados costumam caminhar no bairro, e a existência de moradores há

mais de 2 anos é de 71,3%. Quanto à expectativa em viver no mesmo local, 172 entrevistados esperam viver mais de 10 anos. Verifica-se nas ruas do setor norte a predominância de moradores antigos, entre 26 e 36 anos. No entanto, apesar da intensa rede de vizinhança na avenida principal, constata-se a existência de moradores de 2 até 12 anos. A sobreposição dos aspectos comportamentais com as áreas de maior densidade de rede de interação de vizinhança aponta que a expectativa em viver no bairro é preponderante ao tempo de moradia (Figura 9).

De acordo com Riger e Lavrakas (1981) e Skjaeveland, Garling e Maeland (1996), a afetividade com determinado local e a boa relação pessoal são aspectos importantes que denotam um senso de pertencimento e, conseqüentemente, são fatores importantes para a construção do senso de comunidade. Nesse sentido, as questões de satisfação em viver no local, o número de moradores conhecidos e aqueles que se cumprimentam foram mapeados. Nota-se homogeneidade dessas características. Na justaposição dos dados é possível inferir que a relação de satisfação de morar e o maior número de vizinhos conhecidos são importantes aspectos para o fortalecimento do senso de comunidade em uma área residencial de interesse social (Figura 10).

Figura 8 - Sobreposição de aspectos socioeconômicos e rede de interação



Nota: \*situação sem escala.

Figura 9 - Sobreposição de aspectos comportamentais e rede de interação



Nota: \*situação sem escala.

Figura 10 - Sobreposição de aspectos de vivência, satisfação e rede de interação



Nota: \*situação sem escala.

## Conclusão

O estudo faz a sistematização de instrumentos de avaliação existentes e empiricamente aplica as discussões teóricas por meio de dados objetivos em um contexto brasileiro. Esta pesquisa aponta a complexidade para a compreensão da relação entre o ambiente construído e o senso de comunidade. Além disso, traz subsídios para a discussão de um dos problemas apontados em recentes pesquisas em áreas de habitação de interesse social no Brasil: a retenção dos moradores relacionadas à qualidade de vida e a satisfação do morar.

Os resultados revelam estratégias de organização espacial de EHIS facilitadores para o desenvolvimento do senso de comunidade, como fachadas ativas, ruas com continuidade de lotes residenciais, priorização do pedestre e áreas de interação entre espaço público e privado. Ressalta o papel das praças de dimensões menores, como áreas de sociabilização, em virtude dos lotes mínimos, bem como o intenso movimento de pedestres em calçadas e ruas cuja velocidade dos veículos é baixa.

Fato não permissível na atual política habitacional é a inserção de áreas de comércio. No Conjunto São Lourenço, empreendimento da década de 1980, localizado naquela época em região

periférica, definia-se no projeto inicial uma área comercial. O intenso movimento no entorno do supermercado demonstra seu propósito de suprir as demandas cotidianas de abastecimento.

Por outro lado, a análise indica a existência de padrões semelhantes de configuração espacial com diferentes associações das redes de vizinhança. Essa evidência aponta os aspectos socioeconômicos e comportamentais, como a existência de um maior número de moradores, a satisfação em morar no local e a expectativa de permanecer no bairro, fatores associados para a construção do senso de comunidade.

Os resultados desse estudo apontam para desdobramentos de pesquisas futuras, em virtude de objetivar, por meio da aplicação de um instrumento de avaliação dos aspectos correlacionados ao senso de comunidade, em um empreendimento de habitação de interesse social. No entanto, uma das limitações do estudo deve ser apontada: a carência de avaliações semelhantes no Brasil para uma análise comparativa. Portanto, alguns resultados ressaltados nesse contexto poderão ter outras leituras em áreas residenciais de padrões socioeconômicos e comportamentais diferenciados.

A partir de tais questões, tem-se a discussão de Perry e Felce (1995) sobre qualidade de vida nas

idades, a partir da ponderação dos aspectos físico-material, bem-estar e situação social, aspectos necessários para todas as escalas – casa, bairro e cidade – para a construção de uma cidade coesa e agradável, a partir de uma melhor qualidade nas áreas residenciais. Assim, a pesquisa contribui nas discussões de organização espacial de áreas de empreendimentos de habitação social e insere a mensuração de fatores considerados subjetivos do ambiente construído vinculados à permanência e à satisfação dos moradores.

## Referências

- ALMEIDA, V. J. S.; SILVA, A.; GUNTHER, H. Senso de Comunidade Entre Moradores de Ceilândia. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26, Ribeirão Preto, 1996. **Anais...** Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1996.
- APPLEYARD, B.; COX, L. In the Zone at Home. **Journal Planning**, v. 72, n. 9, p. 30-35, 2006.
- APPLEYARD, D. **Livable Streets**. Berkeley: University of California Press, 1981.
- BOSELNANN, P.; MACDONALD, E.; KRONEMEYER, T. Livable Streets Revisited. **Journal of the American Planning Association**, v. 65, n. 2, p.168-180, 1999.
- BUCKNER, J. C. The Development of an Instrument to Measure Neighborhood Cohesion. **American Journal of Community Psychology**, v. 16, n. 6, p. 771-791, 1988.
- CANTILLON, D.; DAVIDSON, W. S.; SCHWEITZER, J. H. Measuring Community Social Organization: sense of community as a mediator in social disorganization theory. **Journal of Criminal Justice – Pergamon**, v. 31, p. 321-339, 2003.
- CHAVIS, D. M. *et al.* Sense of Community Through Brunswick's Lens: a first look. **Journal of Community Psychology**, v. 14, p. 24-40, 1986.
- CHAVIS, D. M.; PRETTY G. H. M. Sense of Community: advances in measurement and application. **Journal of Community Psychology**, v. 27, n. 6, p. 635-642, 1999.
- CHAVIS, D. M.; WANDERSMAN, A. Sense of Community in the Urban Environment: a catalyst for participation and community development. **American Journal of Community Psychology**, v. 18, n. 1, p. 55-81, 1990.
- CUNHA, L. F.; SILVA, A. V.; GUNTHER, H. Disposição de Casas Geminadas e Senso de Comunidade. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26. Ribeirão Preto, 1996. **Anais...** Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1996.
- CUTCHIN, M. P. *et al.* The Socio-Spatial Neighborhood Estimation Method: an approach to operationalizing the neighborhood concept. **Health & Place**, v. 17, p. 1113-1121, May 2011.
- FARREL, S. J.; AUBRY, T.; COULOMB, D. Neighborhoods and Neighbors: do they contribute to personal well-being. **Journal of Community Psychology**, v. 32, n. 1, p. 9-25, 2004.
- FRIED, M. The Structure and Significance of Community Satisfaction. **Human Sciences Press**, Boston, v. 7, p. 61-86, 1984.
- GLYNN, T. J. Psychological Sense of Community: measurement and application. **Human Relations**, v. 34, n.7, p. 789-818, 1981.
- GRANOVETTER, M. S. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- HUNTER, A. The Loss of Community: an empirical test through replication. **American Sociological Review**, v. 40, n. 5, p. 537-552, 1975.
- JACOBS, J. **Morte e Vida nas Grandes Cidades**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- KANASHIRO, M. Da Antiga à Nova Carta de Atenas: em busca de um paradigma espacial de sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 9, p. 33-37, 2004.
- KAPLAN, R. The Nature of the View From Home: psychological benefits. **Environment and Behavior**, v. 33, n. 4, p. 507-542, Jul. 2001.
- KEARNEY, A. R. Residential Development Patterns and Neighborhood Satisfaction: impact of density and nearby nature. **Environment and Behavior**, v. 38, p. 112-139, jan. 2006.
- KIM, J.; KAPLAN R. Physical and Psychological Factors in Sense of Community: new urbanist Kentlands and nearby Orchard Village. **Environment and Behavior**, v. 36, n. 3, p. 313-340, 2004.
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K. *et al.* Parâmetros de Sustentabilidade e Qualidade de Vida na Implantação de Conjuntos Habitacionais Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, Maceió, 2005. **Anais...** Maceió: ANTAC, 2005.

- LAWHON, L. L. The Neighborhood Unit: physical design or physical determinism? **Journal of Planning History**, v. 8, n. 2, p.111-132, 2009.
- LEVINE, M. D. Working it Out: a community recreation approach to crime prevention. **Journal of Community Psychology**, v. 14, p. 378-390, Oct. 1986.
- LOCHNER, K.; KOWACHI, I.; KENNEDY, B. P. Social Capital: a guide to its measurement. **Health & Place**, v. 5, p. 259-270, 1999.
- LONG, A.; PERKINS, D. D. Confirmatory Factor Analysis of the Sense of community Index and Development of a Brief SCI. **Journal of Community Psychology**, v. 31, n. 3, p. 279-296, 2003.
- LUND, H. Pedestrian Environments and Sense of Community. **Journal of Planning Education and Research**, v. 21, p. 301-312, Mar. 2002.
- MANN, P. The concept of Neighborliness. **American Journal of Sociology**, v. 60, p. 163-168, 1954.
- MASON, S. G. Can Community Design Build Trust? A comparative study of design factors in Boise, Idaho neighborhoods. **Cities**, v. 27, p. 456-465, 2010.
- MAYA-JARIEGO, I.; ARMITAGE, N. Multiple senses of Community in migration and commuting: The interplay between time, space and relations. **Journal International Sociology**, v. 22, n. 6, p. 743-766, 2007.
- MCMILLAN, D. W. Sense of Community. **Journal of Community Psychology**, v. 24, n. 4, p. 315-325, 1996.
- NASAR, J. L. Does Neotradicional Development Build Community? **Journal of Planning Education and Research**, v. 23, p. 58-68, Set. 2003.
- NASAR, J; JULIAN, D. A. The Psychological Sense of Community in the Neighborhood. **Journal of the American Planning Association**, v. 61, n. 2, p. 178-184, 1995.
- NEPOMUCENO, G. M. **Relacionamento Entre Vizinhos em Casas e Apartamentos de Brasília**. Laboratório de psicologia ambiental. Brasília, 1999. Série: Textos de alunos de psicologia ambiental, n. 2.
- NERI, M. C. **Diagnóstico da Evolução dos Indicadores Sociais em Curitiba**. Rio de Janeiro, 2011. Centro de Políticas Sociais – Fundação Getúlio Vargas.
- NOWELL, B.; BOYD, N. Sense of Community as Construct and Theory: authors' response to McMillan. **Journal of Community Psychology**, v. 39, n. 8, p. 889-893, 2011.
- OBST, P. L.; SMITH, S. G.; ZINKIEWICZ, L. An Exploration of Sense of Community: part 3: dimensions and predictors of psychological sense of community in geographical communities. **Journal of Community Psychology**, v. 30, n. 1, p. 119-133, 2001.
- PERRY, J.; FELCE, D. Quality of Life: its definition and measurement. **Developmental Disabilities**, v. 16, n. 1, p. 51-74, 1995.
- PETERSON, N. A.; SPEER, P. W.; HUGHEY, J. Measuring Sense of Community: a methodological interpretation of the factor structure debate. **Journal of Community Psychology**, v. 34, n. 4, p. 453-469, 2006.
- PINA, S. A. M. G.; KOWALTOWSKI, D. C. C. K. Arquitetura do Morar: comportamento e espaço concreto. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA E PROJETO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro, 2000.
- RIGER, S.; LAVRAKAS, P. I. Community Ties: patterns of attachment and social interaction in urban neighborhoods. **American Journal of Community Psychology**, v. 9, n. 1, p. 55-66, 1981.
- ROGERS, G. O.; SUKOLRATANAMETEE, S. Neighborhood Design and Sense of Community: comparing suburban neighborhoods in Houston Texas. **Journal Landscape and Urban Planning**, v. 52, p. 325-334, 2009.
- SARASON, S. B. **The Psychological Sense of Community**: prospects for a community psychology. São Francisco: Jossey Bass, 1974.
- SKJAEVELAND, O.; GARLING, T.; MAELAND, J. G. A Multidimensional Measure of Neighboring. **American Journal of Community Psychology**, v. 24, n. 3, p. 413-35, 1996.
- SUGIYAMA, T. *et al.* Associations of Neighborhood Greenness With Physical and Mental health: do walking, social coherence and local social interaction explain the relationships? **Journal Epidemiol Community Health**, v. 68, n. 9, p. 1-6, 2008.
- SUKOLRATANAMETEE, S. **Pedestrian-Oriented Design and Sense of Community**: a comparative study. 2006. Dissertação (Doutorado em Ciências Urbanas e Regionais) – Texas A&M University, 2006.

TALLEN, E. Sense of Community and Neighborhood Form: an assessment of the social doctrine of new urbanism. **Urban Studies**, v. 36, n. 8, p. 1361-1379, Jul. 1999.

WILKERSON, A. *et al.* Neighborhood Physical Features and Relationships With Neighbors: does positive physical environment increase neighborliness? **Journal Environment and Behavior**, v. 44, n. 5, p. 594-615, 2012.

WIRTH, L. Urbanism as a Way of Life. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 44, n. 1, p. 1-24, Jul. 1938.

WOOD, L.; FRANK, L. D.; GILES-CORTI, B. Sense of Community and Its Relationship With Walking and Neighborhood Design. **Journal Social Science & Medicine**, v. 70, p. 1381-1390, 2010.

YANG, Y. A Tale of Two Cities: physical form and neighborhood satisfaction in metropolitan Portland and Charlotte. **Journal of the American Planning Association**, v. 74, n. 3, p. 307-323, 2008.

## Agradecimentos

À Capes, pela bolsa de estudos e à Fundação Araucária pela bolsa produtividade 2014/2016.

### Mariana Alves Shigeharu

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa Associado UEL/UEM, Centro de Tecnologia e Urbanismo | Universidade Estadual de Londrina | Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380, s/n, Campus Universitário | Londrina - PR - Brasil | CEP 86051-990 | Tel.: (43) 99126-6112 | E-mail: mariana.shigeharu@gmail.com

### Milena Kanashiro

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Tecnologia e Urbanismo | Universidade Estadual de Londrina | Tel.: (43) 3371-4535 | E-mail: milena@uel.br

### **Revista Ambiente Construído**

Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído  
Av. Osvaldo Aranha, 99 - 3º andar, Centro  
Porto Alegre - RS - Brasil  
CEP 90035-190  
Telefone: +55 (51) 3308-4084  
Fax: +55 (51) 3308-4054  
[www.seer.ufrgs.br/ambienteconstruido](http://www.seer.ufrgs.br/ambienteconstruido)  
E-mail: [ambienteconstruido@ufrgs.br](mailto:ambienteconstruido@ufrgs.br)